



Cotidia-
 namente fa-
 lamos em
 progresso,
 desenvolvi-
 mento e

crescimento, como se fossem
 sinônimos, pelo menos quan-
 do estas expressões se referem
 às questões socioeconômicas.

Parece consenso que "pro-
 gresso" indica avanço ou um
 sentido de melhorar a condição
 humana. Ideia de que o mun-
 do pode se tornar gradativa-
 mente melhor no que diz res-
 peito à ciência, tecnologia, mo-
 dernização, liberdade, democra-
 cia, qualidade de vida, etc.

Já, "desenvolvimento" pode
 indicar um processo de evolu-
 ção, crescimento e mudança de
 uma situação específica sob de-
 terminadas condições. Essa con-
 dição de evolução sempre tem
 uma conotação positiva já que
 implica num crescimento ou pas-
 so para etapas ou estágios su-
 periores. Enquanto "crescimen-
 to" sempre significa aumento,
 em que há evolução, desenvol-
 vimento, melhoria, avanço.

O crescimento econômico
 tem sido considerado o meio
 necessário e imprescindível
 para o desenvolvimento da so-
 ciedade, entendido como a
 melhoria da qualidade de vida
 das pessoas. Na prática, tem-
 se usado uma medida quanti-
 tativa, o crescimento econômi-
 co, para avaliar um resultado
 qualitativo, o desenvolvimento.

O crescimento tem sido
 verificado com base na varia-

"Não existe almoço grátis"

ção porcentual do Produto In-
 terno Bruto (PIB) total ou por
 pessoa. Desse modo, países ou
 regiões que registrem elevadas
 taxas de crescimento do PIB
 total ou por pessoa estariam
 avançando no desenvolvimen-
 to. Será que essa relação é
 válida em todos os contextos?

A mais de 50 anos, avalia-se
 que o crescimento tem sido pos-
 sível apenas a custos ecológicos
 e sociais crescentes. Não existe
 "almoço grátis". A diferença ago-
 ra é a escala desses custos e da
 intervenção da sociedade no
 ecossistema global. Os relatóri-
 os da Pegada Ecológica Global
 têm mostrado que, desde a dé-
 cada de 1970, a sociedade tem
 usado recursos naturais renová-
 veis além da capacidade de su-
 porte do ecossistema global.
 Assim, há mais de 40 anos usa-
 mos a parcela do estoque do
 capital natural e não o fluxo de
 "benefícios" para manter as ta-
 xas de crescimento. Em outras
 palavras, a sociedade está usan-
 do a poupança natural, fonte de
 provimento de todos os recur-
 sos naturais renováveis.

Assim, a cada dia se torna
 mais necessário reverter esse
 quadro. Os mais ricos, mais in-
 dustrializados, mais "desenvol-
 vidos", maiores consumistas são
 justamente, aqueles que mais
 contaminam, mais poluem e
 mais "esquentam" o planeta.

Os países com maior PIB são
 Estados Unidos-EUA e China, sen-
 do que o primeiro tem cerca de
 360 milhões de habitantes, en-
 quanto que o outro tem mais de

1,3 bilhão de habitantes! Imagi-
 nem que para a reversão do
 quadro de degradação ambien-
 tal crescente, estes países de-
 vessem diminuir a sua pegada
 ecológica o que isso significaria?

De acordo com Painel inter-
 governamental para as mudan-
 ças climáticas (IPCC), se toda
 a humanidade tivesse uma pe-
 gada de carbono de 7 tons/
 pessoa/ano, equivalente a Es-
 panha ou Itália, se poderia evi-
 tar que a temperatura média
 se eleve 2°C. Isso significa que
 os EUA deveria baixar sua qua-
 lidade de vida em 12 tons. e a
 China, poderia subir a sua pe-
 gada CO2 em 4 tons.

Que país do Primeiro Mun-
 do implementa políticas para
 baixar sua qualidade de vida,
 produz e contamina menos, ou
 "decrece economicamente"?
 Nestes países, PIB per capita
 não significa que todas as pes-
 soas terão acesso as riquezas.
 Existem pessoas muito ricas,
 que consomem muito e pesso-
 as muito pobres que quase não
 consomem. Ou seja, mesmo
 onde há riqueza as desigual-
 dades são imensas.

Agora, façamos a tentati-
 va de imaginar quem, agora
 no âmbito pessoal, poderia fa-
 zer isso? Consumir menos,
 gerar menos resíduos, dimi-
 nuir a pegada? Isso significa-
 ria decrescer ou não ter pro-
 gresso? O que, de fato, é ne-
 cessário para sermos felizes?